



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Armando Côrtes-Rodrigues e 'Orpheu 3'

Anabela Almeida

Para citar este documento / To cite this document:

Anabela Almeida, "Armando Côrtes-Rodrigues e 'Orpheu 3'", *Colóquio/Letras*, n.º 190, Set. 2015, p. 120-128.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Armando Côrtes-Rodrigues e ‘Orpheu 3’

NOTAS PARA UM NOVO ÍNDICE

ANABELA ALMEIDA

SÃO INÚMEROS OS PROJETOS de índice para *Orpheu 3* que integram o espólio de Fernando Pessoa, bem como a prosa que, sobre este número da revista, Sá-Carneiro escreve nas cartas que envia de Paris ao amigo. Embora não encontremos nestes documentos, nem na edição de *Orpheu 3* organizada por Arnaldo Saraiva e publicada pela Ática em 1984, qualquer referência à participação de Armando Côrtes-Rodrigues, esta esteve de facto prevista, como veremos.

Orpheu 3 deveria ter saído em outubro de 1915; nesta data, Côrtes-Rodrigues estava em Lisboa e, assim sendo, teria entregado ele mesmo a sua colaboração. Porém a publicação é adiada e, em fevereiro de 1916, o poeta açoriano regressa a S. Miguel, pelo que, antes de partir, deixa com Pessoa o poema com que participaria naquele número da revista. Para Côrtes-Rodrigues poder ficar com uma cópia, o próprio Fernando Pessoa se encarrega de a fazer, conforme podemos constatar no bilhete que lhe escreve com data de 14 de janeiro: «Dentro do seu caderno, na competente página, encontrará a Cavalgada, passada a limpo.»¹ «Cavalgada de Sonho», assim se chama o poema, nunca publicado, com que Côrtes-Rodrigues participaria em *Orpheu 3*.

Este poema, que se inscreve na vanguarda futurista marinettiana através da exaltação dinâmica dos sentidos, da dimensão bélica, do barulho que a sua ambiência evoca, do movimento enérgico, do vocabulário panfletário e agitador, em que se destaca a palavra «avante», é um hino. No entanto, ao contrário do que preconizava o ideólogo italiano, é um hino à vida, uma vida que procura o triunfo, não de um homem sobre outro, mas do «Sonho», sinónimo de arte, e em que da «vertigem» irradie «Beleza», «Amor» e «Verdade». Eis o «Futurismo» do poeta açoriano, artista presente nas correntes estéticas do seu tempo, mas nunca distante dos temas eternos do Amor, Natureza e Deus, presentes ao longo de toda a sua obra.

Com a morte de Sá-Carneiro, o índice da revista sofre alterações, conforme podemos constatar na carta de 4 de maio de 1916 que Fernando

CAVALGADA DO SONHO¹

Cavalgada! Cavalgada!
Avante! Avante!
Pela estrada
Ilimitada
Alma de sonho arrebatada
Febricitante
Cavalgada! Cavalgada!
Pela estrada,
Avante!

Cortam o ar
Num galopar
Vertiginoso
Cavalos irreais
Passam velozes
Errando
Como um bando
Numeroso
De ferozes
chacais
galopando
Por fulvos areais
Avante! Avante!

Levam espadas
Enristadas
Cavaleiros
Aventureiros
Do pensar!
O pensamento!
E as lanças cortam o vento
Delirante
Sem parar
Avante! Avante!
A galopar...A galopar...

Ressoam toques de guerra
Reluzem elmos, couraças
Mais alta uma lança aterra
Reverbera
Enchendo de sombras baças
Toda a terra

Retinem ferros chocados
Há gritos alucinados
Num cavalgar ovante
Avante! Avante!
Choques! Ruídos d'ação
E rasga o céu e o espaço
O sonho triunfante!

Cavalgada! Cavalgada!
Toda de febre alucinada
Doira-a o sol da glória,
Passa no ar
A desfraldar,
A trovar
Vitória!

Passa distante
Avante! Avante!
Tropel de fantasia
Vertigem que irradia
Loucura de ansiedade
Sonho, Beleza,
grandeza,
Amor, Delírio, Verdade
Tortura desconhecida
A Dor suprema da Vida
Elmos, couraças, espadas,
Bandeiras rotas, aladas,
Cavalgada! Cavalgada!
Lanças, adagas, clarins
O fim dos fins

Pessoa envia a Côrtes-Rodrigues, em que lhe comunica o suicídio do autor de *Dispersão*:

Naturalmente *Orpheu* publicará uma plaquette, colaborada só pelos seus colaboradores, à memória do Sá-Carneiro. Logo que v.[ocê] puder, portanto — quanto antes melhor — v.[ocê] mande-me qualquer coisa (o mais esmerado possível) à memória dele. Não se esqueça. O bom era que o mandasse pelo próximo vapor.²

Côrtes-Rodrigues, como sempre, responde prontamente ao amigo. E, na carta que lhe envia, que torna pública no jornal *Autonómico*, anexa o poema «Cortejo Trágico» para integrar a tal *plaquette* com que *Orpheu 3* homenagearia o companheiro morto.

Note-se que, embora, nesta data, Sá-Carneiro nada diga às gentes da terra açoriana, e, cremos, nenhuma simpatia teria merecido a sua poesia junto dos intelectuais dominantes que eventualmente a conhecessem, Côrtes-Rodrigues não deixa de lhe prestar publicamente homenagem divulgando a sua obra. Esta atitude implicou também a assunção pública da identificação do poeta açoriano com a estética moderna, apesar de ele saber que, naquele tempo, na sua Ilha, «não se podia ser um homem de *Orpheu*»³.

Tal como nos poemas dos dois números publicados da revista, a Ilha continua presente neste poema para *Orpheu 3*. Aqui, evocando a prática religiosa dos romeiros que, pela altura da Quaresma, percorrem a pé a Ilha em louvor a Deus, a quem pedem que atenuem as agruras das suas vidas e as forças da Natureza. Temos, assim, em «Cortejo Trágico», dois cortejos, o dos romeiros e outro que se intersecciona, o de um cortejo fúnebre. Essa interseção é dada pelos passos dos romeiros com elementos do universo da morte, ao qual pertencem um «sono etéreo», as «longas saudades que rememoram», a «Pobre semente que já morreu», o «Sonho de cor / Sonho de forma, que não viveu», as «Folhas caídas, / A desfolhar» e, finalmente, «A Orquestra uníssona fremente, / De extrema-unção». Mas porque a Quaresma é, na tradição cristã, o tempo que antecede a morte de Cristo, o sujeito, pondo em paralelo com o cortejo dos romeiros o cortejo fúnebre, eleva a uma dimensão divina o ser que morreu, ou seja, Sá-Carneiro. O Romeiro que aqui nos surge, aquele que caminha à procura da salvação, é, portanto, uma metáfora do que foi a vida do autor de *A Confissão de Lúcio*, o eterno peregrino, cujo «Sonho de cor / Sonho de forma, que não viveu», caminhou, vida e morte, ao encontro da Poesia.

Pessoa acaba, entretanto, por abandonar a ideia de incluir na revista a homenagem que pensou fazer ao companheiro morto e para a qual pedira participação suplementar a Côrtes-Rodrigues, uma vez que ela, conforme explica

Meu Caro Fernando Pessoa,

Na dolorosa e inesperada notícia que a sua carta me comunicou do suicídio em Paris do nosso saudoso e comum amigo o Poeta Mário de Sá-Carneiro, publicamente lhe dirijo estas palavras, que são a homenagem da minha funda admiração pelo nobre caráter e admirável espírito daquele que você, de todos nós que com ele convivemos, mais intimamente compreendeu e privou.

Ainda na sua morte Sá-Carneiro viveu o mistério da sua arte, porque ela teve qualquer coisa de vago e de inexplicável como «A estranha morte do Prof. Antena», daquele conto que me foi dedicado, em que não falta o fatídico automóvel onde o grande artista agonizou a caminho do hospital.

Nesta longínqua e pequenina Vila onde me encontro e onde tão palidamente chegamos os grandes ruídos europeus, eu não poderia justificadamente calar a angustiada sensação de desalento que para nós representa a falta de um afetuoso e delicado camarada, e para as letras portuguesas a perda de um poeta e prosador de que elas tanto tinham a esperar pela superioridade incontestável do seu talento.

A sua Arte primorosa de expressão descritiva, exuberante, de colorido e de ritmo, velada de martírio e de ânsia, grifou-se «na retina paspalheira da multidão inferior das esquinas», somente no que ela tinha de arrojado e de novo no exibicionismo da *blague*. Esses são os que do Poeta nada mais conhecem do que a intencional ousadia dos seus excessos sensacionistas, no justificado fim *d'épater le bourgeois*. A esses pedirei que fiquem por aí, saboreando o espanto do escândalo literário. Mas aos que em si sentirem um pouco do requinte da sensibilidade moderna, aos que virem na Arte uma intenção superior de aristocratismos intelectual, na diversidade de «motivos» e na forma complexa da sua exteriorização, a esses lembrarei a Obra do Artista, tão rica de tão estranha e inconfundível beleza.

Através dos seus quatro volumes — *Princípio* (novelas) 1912; *Dispersão* (poesias) 1914; *A Confissão de Lúcio* (narrativas) 1914; *Céu em fogo* (novelas) 1915 —, Sá Carneiro foi verdadeiramente um criador de Beleza inédita, na nova forma da sua visão subjetiva, dentro da unidade plástica das suas concepções.

A sua imaginação viveu à Maravilha e a sua fantasia fixou o Sonho e materializou o Impossível.

Por isso a sua Arte foi basicamente impressionista, vincando pelo poder decorativo, na riqueza de tons daqueles cenários em que a sua emoção vibrou a vida da sua idealidade.

Arte exótica de singularidades e detalhes, de tortura e de alucinações, se algumas vezes feriu pela extravagância irritante do imprevisto, soube sempre manter o alto relevo duma original beleza através de todas as suas modalidades.

Assim o esteta e o homem se unificaram na Arte e no mistério da Morte.

Tal o que ora me ocorre dizer na rápida síntese da personalidade artística daquele, cuja irreparável perda nos identificou na mesma amargura em que, comovidamente, o abraço como sempre

e muito seu

S. Miguel e Maio 1916

Côrtes-Rodrigues»ⁱⁱ

CORTEJO TRÁGICOⁱⁱⁱ

Passos incertos... passos vagos...
Passos na noite, lentamente...
E os olhos profundos dos lagos
Misteriosamente
Fitando o céu e o longe das estrelas
Tão além... tão além...
Atónitos de vê-las
A olhá-los também.

Passos incertos... passos lentos...
Na noite fria, friamente...
E as árvores são nevoentos
Fantasmas cegos, que vêm andando,
Braços abertos, cansadamente,
Tateando.

Passos incertos, cadenciados,
Ervas rasteiras a tiritar...
Sombras em rancho desgarradas
Como^{iv} um cortejo de condenados
a caminhar.

Passos incertos, misteriosos,
Na noite longa de mistério...
Ninhos dormentes, silenciosos,
Num sono etéreo.
Nas ramarias
Tremor de folhas tão de mansinho;
Ao coração das árvores sombrias,
Pausadamente,
Igualmente,
Outro responde lá sobre o ninho.

Passos incertos, passos distantes,
Neste silêncio mais apavoram...
Choro confuso de navegantes,
Longas saudades que rememoram.
Choro das águas das ribeiras,
Choro das fontes, choro do mar,

Ecos de falas derradeiras,^v
Voz de romeiros a rezar.

Passos incertos pela calada...
Pobre semente que já morreu
Sangrando dor!
Vida cansada,
Torturada,
Sonho de cor,
Sonho de forma, que não viveu.

Passos incertos, passos noturnos,
Passos transidos de comoção...
Olhos de feras taciturnos,
Sonhando presas na escuridão;
Uivos de vento num delirar,
Asas fechadas de pombas mansas,
Vozes de crianças,
Folhas caídas,
A desfolhar...^{vi}

Passos incertos, desconcertados,
Para além dos montes...
Palavras soltas do verbo amar,
Cantigas mortas de namorados,
De raparigas que vão às fontes
Pelo poente...
Pranto daqueles que não têm lar,
Choro daqueles que não têm pão,
Orquestra uníssona fremente,
De extrema-unção!

Passos incertos no céu deserto,
Ei-los lá vêm!
Sempre mais forte, sempre mais perto,
Ei-los cá vêm!
Ó Dor! Ó Dor! Ergo os meus braços,
Juntando os meus aos vossos passos,
Eu vou também.

no documento que transcrevemos⁴, ora ficaria aquém da grandeza do poeta morto, ora desvirtuaria os pressupostos artísticos de *Orpheu*.

Entre o aparecimento de *Orpheu 2* e o do presente número deu-se, como todos sabem, o suicídio de um dos nossos diretores, Mário de Sá-Carneiro.

Pensámos, primeiramente, em inserir, no texto desta revista, uma série de páginas *in memoriam*, reunindo colaboração de quantos têm dado a *Orpheu* a auréola do seu esforço e da sua arte. Abstivemo-nos de o fazer, porque ou havíamos de limitar a extensão dessa colaboração, ou havíamos de deixar que absorvesse por completo o corpo da revista. Uma coisa, como a outra, era impossível, cada uma por uma razão de ordem diferente.

Reservámos, pois, para uma publicação separada esse In Memoriam; na devida hora será feita essa publicação, com o relevo com que deve ser.

Posta de parte essa ideia, pensámos que bastaria inserir, no corpo da revista ainda, uma breve nota, de índole redatorial, exprimindo quanto aquela tragédia foi para nós, tanto como artistas, como na qualidade de amigos. Mas, refletindo, vimos que essa nota, ao mesmo tempo que ficaria sempre escassa na sua significação íntima, iria quebrar aquela atitude de pura preocupação artística, excludente de todo o sentimentalismo, por justificado que fosse, que a uma revista como a nossa se impõe como um ponto de honra. O próprio grande Artista a quem essa nota seria consagrada, não penderia de outro modo a um assunto destes, sabendo, melhor que ninguém, como a arte transcende e calca as nossas afeições e os nossos desejos.

Dessa nota, pois, igualmente nos abstivemos, mas como não podemos deixar de fazer uma referência ao facto trágico que se deu, aqui a deixamos consignada, pedindo apenas aos leitores que hajam devidamente compreendido as considerações que, pensando-as uma a uma lhes deem o seu devido valor.⁵

O tempo passou, a revista não conheceu terceiro número e, para além deste facto, Côrtes-Rodrigues sabe somente como isso constituiu motivo de angústia para Fernando Pessoa, que, em 1923, lhe escreve, falando da sua saudade «— cada vez mais tanta! — daqueles tempos antigos do *Orpheu*, do Paúlismo das intersecções e de tudo o mais que passou!»⁶. *Orpheu 3* não conheceu publicação, embora Pessoa soubesse que ele «há de ser feito / com sóis e estrelas em um mundo novo»⁷, conforme escreve na epígrafe do poema dedicado a Sá-Carneiro, cuja morte fez com que o poeta plural nunca mais fosse o mesmo⁸.

Como dissemos, só em 1984 são publicadas as provas de *Orpheu 3*, onde os poemas de Côrtes-Rodrigues não constam. Porém, na publicação deste número da revista que deveria ter acontecido em outubro de 1958, a colaboração de Côrtes-Rodrigues estava contemplada; como, de resto, sempre estivera

este poeta que «é directamente de *Orpheu*»⁹. É o próprio Côrtes-Rodrigues que dela fala na carta que escreve a Eduíno de Jesus a 6 de junho de 1959:

Tenho ainda desse tempo e nunca publicados: «Cavalgada do Sonho»! destinado ao 3.º n.º de *Orpheu* (que nunca se publicou) e enviado ao professor C.el [coronel] Caetano Dias, cunhado de Fernando Pessoa, que vai completar e publicar esse número.¹⁰

Com efeito, em 1958, Caetano Dias pretendia publicar este número da revista, conforme podemos comprovar através de uma carta inédita, datada de 29 de julho¹¹, que consta no espólio do poeta açoriano. Nesta carta, Caetano Dias agradece a Côrtes-Rodrigues os poemas que dele recebeu, na sequência do pedido que lhe fizera, e informa-o de que se vai pôr em contacto com Alfredo Guisado e Almada Negreiros para deles conseguir as suas colaborações, de forma que, até ao final daquele ano, fosse publicado «o N.º 3 do *Orpheu*».

Posto isto, podemos concluir que, se Caetano Dias pretendia publicar *Orpheu* 3, estaria na posse dos textos, poemas e eventualmente de outros documentos que lhe permitiriam levar a cabo essa intenção. Depreende-se, portanto, que os textos que integrariam esta publicação seriam constituídos pelos tais quatro cadernos que, segundo Arnaldo Saraiva, Adolfo Casais Monteiro encontrou em casa de Fernando Pessoa, em 1953, e dos quais retirou os textos do poeta plural que publicou, sob o título *Poemas Inéditos Destinados ao n.º 3 do «Orpheu»*, ficando os restantes inéditos.

Pelo exposto, somos levados a pensar que os inéditos do terceiro número de *Orpheu* que, em 1959, a Ática promete publicar, se prendem com a edição que este familiar de Pessoa levava a cabo e para a qual solicitara a colaboração dos poetas de *Orpheu* ainda vivos¹².

Face ao pedido de Caetano Dias, Côrtes-Rodrigues enviou, como dissemos, os poemas que destinava a *Orpheu* 3. Contudo, porque desconhecesse as alterações pensadas por Fernando Pessoa relativamente à homenagem a Sá-Carneiro, para a qual se destinava o poema «Cortejo Trágico», envia-o juntamente com o poema «Cavalgada de Sonho». E, cremos, por solicitação de Caetano Dias, envia também um texto evocativo do movimento do qual fez parte. Este texto encontra-se no espólio de Côrtes-Rodrigues anexado ao poema «Cortejo Trágico» e com a indicação «Para o 3.º número de ORPHEU», existindo outro exemplar no espólio de Fernando Pessoa.

[PARA O 3.º NÚMERO DE 'ORPHEU']

Volvidos mais de quarenta anos, não se apagou a chama de Poesia, que, em *Orpheu* se ateou no ardor da mocidade de quantos viveram esses primeiros anseios de libertação artística. Antes cresceu em labareda alta, iluminando a diversidade de caminhos novos, por onde outros seguiram naquele sonho de Beleza, que é a mensagem de cada Poeta.

Ao reaparecer *Orpheu* sente-se mais viva a presença de Fernando Pessoa, que foi realmente o coração e o cérebro desse movimento renovador.

Tudo girou em volta dele, na fulguração do seu génio, na superioridade do seu valor intelectual, na admiração desse prestígio, que tão naturalmente se impunha dentro da mais singela e afetuosa camaradagem.

Sem ele ter-se-iam dispersado, ou talvez perdido em outros rumos, aqueles que a sua estima reuniu e cujas atividades soube coordenar na mesma avançada heroica de liberdade estética e de amplitude literária.

Todo o movimento de *Orpheu* é, no fundo, a obra construtiva deste companheiro genial, tão rico de personalidade que a desdobrou com a mesma grandeza nos seus heterónimos, tão comunicativo e tão convincente na simplicidade do seu trato, naquele misto de timidez e de mistério que nele se conjugavam, que soube criar um ideal comum, sem quebra do que havia de diferenciação pessoal em quantos o acompanharam.

Todos lhe devem o estímulo das suas palavras, o incitamento da sua estima e da sua compreensão.

Ao surgir o terceiro número da revista, que nunca chegou a ser concluído, soam mais intensas e sempre verdadeiras as palavras que Pessoa escreveu:

CÁ ESTAMOS SEMPRE. ORPHEU ACABOU! ORPHEU CONTINUA!

Ilha de S. Miguel

dos Açores

Armando Côrtes-Rodrigues

NOTAS

- ¹ Fernando Pessoa, *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues* [1944], pref. Joel Serrão, Lisboa, Livros Horizonte, 1985, p. 67.
- ² *Ibid.*, p. 68.
- ³ Entrevista de Côrtes-Rodrigues a Mário Dias Ramos para o programa «Convergência» que a RTP exibiu em 18/11/1970.
- ⁴ Há outras versões deste documento no espólio de Fernando Pessoa, mas, da leitura que fizemos, pensamos ser a versão que transcrevemos a última, uma vez que as outras têm correções e alterações que nesta desaparecem. Cf. *Os Caminhos de Orpheu*, catálogo da exposição, org. Richard Zenith, Fátima Lopes, Manuela Rêgo, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal/Babel, 2015, p. 213.
- ⁵ Espólio Fernando Pessoa, E3-87-1-103_097-42. A última frase riscada diz o seguinte: «O caso, verdadeiramente, é com a posteridade e com o Destino.»
- ⁶ Carta de 4/8/1923, in Fernando Pessoa, *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*, ed. cit., p. 71.
- ⁷ Poema dedicado a Sá-Carneiro, *Os Caminhos de Orpheu*, ed. cit., p. 237.
- ⁸ Rebelo Bettencourt, que colaborou no *Portugal Futurista* e andou na roda do grupo a partir de 1915, refere num texto, a propósito de Côrtes-Rodrigues e da sua relação com *Orpheu* o seguinte: «— Você, Fernando Pessoa, disse-lhe uma vez, na minha presença, Santa-Rita Pintor, já não é o mesmo depois que Sá-Carneiro morreu», *Diário dos Açores*, 13/7/1956, p. 1.
- ⁹ Expressão de Fernando Pessoa em *Sudoeste* 3.
- ¹⁰ Cf. Armando Côrtes-Rodrigues e Eduíno de Jesus, *Correspondência*, pref. e notas de Fernando Aires, Ponta Delgada, Museu Carlos Machado, 2002, p. 210.
- ¹¹ Espólio ACR, corr. 49.
- ¹² Cf. Arnaldo Saraiva, introdução a *Orpheu* 3, Lisboa, Ática, 1984, p. XXVII e LI.

NOTAS DOS DOCUMENTOS

- ⁱ Poema manuscrito por Côrtes-Rodrigues, Espólio, cota 2, caderno «Poesias II», p. 7-10.
- ⁱⁱ *Jornal Autônomico*, 13/5/1916, p. 2.
- ⁱⁱⁱ Fizemos a transcrição a partir do manuscrito de Côrtes-Rodrigues constante do seu espólio, cota 2, caderno «Poesias II», p. 11-16. Este poema foi publicado em *Canção da Vida Vivida*, sel. e apres. Celestino Sachet, colab. Bruno Tavares Carreiro, Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1991, p. 202-4, com variantes. Logo a seguir ao poema, o livro inclui o texto que, segundo informa Celestino Sachet, lhe estava apenso e que tinha a seguinte informação manuscrita: «Para o 3.º número de ORPHEU».
- ^{iv} Em *Canção da Vida Vivida*: «Tal».
- ^v *Ibid.*: «Ecos das vozes de lavadeiras».
- ^{vi} *Ibid.*: «ponto final».